Temporalidades

Memória de Antonio Somellera a Bordo do Corsário General Rondeau em 1828

SOMELLERA, Antonio. Memórias de Antonio Somellera a Bordo do Corsário General Rondeau em 1828. Tradução de Vagner da Rosa Rigola. Rio de Janeiro: Front Editorial, 2025. 180p.

Daniel Barreto Lopes
Mestre em História
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
danielblopes18@gmail.com

Recebido: 26/05/2026
Aprovado: 14/10/2026

O livro que trato aqui por meio de uma resenha traz como novidade uma rica fonte para os pesquisadores não apenas do campo da História Marítima e Naval, mas também para aqueles pesquisadores que estudam o mundo atlântico e suas formas de trabalho, cultura dos trabalhadores marítimos, escravidão e literatura de viagem. E é sobre este último tema que considero de mais valia para estudos e pesquisas, e destacarei algumas [breves] passagens do livro que reforçam minha ideia.

Tendo como mote as guerras de corso[1] que ocorreram na região da foz do Rio da Prata, o livro tem como cenário as incursões navais que foram protagonizadas pelo então Império do Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata, nações recém independentes do jugo ibérico, que deram origem à Guerra da Cisplatina, entre 1825 e 1828[2].

[1] Por não possuir uma força naval contundente, uma das estratégias militares empregados pelo governo argentino foi a guerra naval de corso, uma modalidade de guerra naval que buscava provocar prejuízos à navegação comercial brasileira, além de causar eventuais danos a sua frota naval. Assim, a missão a qual o General Rondeau engajou-se, fora a de praticar ações de apresamento pelo litoral brasileiro. Para saber mais sobre a temática, ver a dissertação: RIGOLA, Vagner da Rosa. *O Corso Marítimo na Guerra a da Cisplatina (1825-1828)*. Dissertação (mestrado em História Marítima) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2023.

[2] A região conhecida na época como província da Cisplatina, parte do Império do Brasil, por sua posição geográfica estratégica dentro da conjuntura comercial marítima da época, foi alvo de disputa que denotam projetos políticos dos

Desse modo, o livro "Memórias de Antonio Somellera a bordo do corsário General Rondeau em 1828", traduzido diretamente do espanhol original da época pelo historiador Vagner da Rosa Rigola, nos coloca diretamente no contexto do período final da Guerra da Cisplatina, em meados de 1828. Essa nova edição de um livro de época[3] nos traz como novidade editorial excelentes fontes de consulta: dados biográficos, glossário, quadro de encontros com outros navios, ilustração explicativa de partes de embarcação e notas explicativas, que nos auxiliam e facilitam a leitura para um público mais leigo.

Através do relato memorialístico de um jovem oficial a bordo de um navio de guerra corsário, temos a oportunidade de estudar os meandros do cotidiano de um navio a vela, os marujos e seus anseios da vida no mar. A partir de um jovem argentino de quinze anos, adentramos na mentalidade e as práticas que são adotadas por uma "horda heterogênea", utilizando aqui a analogia dos historiadores Peter Linebaugh e Marcus Rediker.[4] O navio, para estes historiadores, constituía-se em um verdadeiro "Estado Marítimo", onde reproduzia-se uma cultura internacionalista e circulação de experiências de diversos marujos, oriundos de diversas partes do mundo, comungando uma linguagem própria que, movido pelo trabalho, cooperação e disciplina, faziam do navio uma espécie de "fábrica flutuante".

Como já destacado, o livro possui uma estrutura narrativa muito semelhante ao gênero de "literatura de viagem", que foram largamente produzidos ao longo do século XIX, e que dispunha de um mercado consumidor atrelado ao mapeamento, observação e exploração dos territórios fora da Europa. Assim, "as medições e observações sempre fizeram parte do cotidiano das viagens marítimas" (LOPES, 2025, p.114). Outra característica que remete ao mercado consumidor de leitura de relatos de viagens foi a intenção do próprio autor de publicar suas memórias após quase quarenta anos da sua

estados nacionais modernos das então recentes nações independentes do jugo ibérico, que buscavam legitimar seus territórios, são eles o Império do Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata, posteriormente chamada de Argentina.

[3] Publicado primeiramente em 1865 em seis fascículos na Revista Buenos Aires, com o título "Recuerdos Marítimos: crucero del Bergantin General Rondeau y Bergantin y Goleta Argentina"; tendo uma segunda publicação em 1930, em edição da Biblioteca del Oficial de Marina com o título "De los tiempos heroicos, la última campaña naval de la guerra con el Brasil".

[4] LINEBAUGH, Peter. *A Hidra de Muitas Cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

viagem, o que nos leva a pensar também acerca dos limites do relato memorialístico como fonte histórica, uma vez que o enquadramento de memórias é organizado por meios de preocupações políticas e sociais do próprio presente em que se investe o autor no ato da escrita.

E como era o cotidiano, as práticas e as aspirações de uma tripulação multicultural de cerca de cento e vinte marujos a bordo de um navio corsário? Narrado em primeira pessoa, Somellera nos coloca em "primeira fileira".

A linguagem e a mentalidade marítima da época dão o tom dramático a narrativa. Direcionadas as lunetas ao horizonte, avistado uma possível "presa", "*sucediam-se conjecturas e faziam-se apostas. É de guerra, diziam uns; mercante, outros. De guerra ou mercante o tomaremos, ouvia-se da boca de todos*" (p.21). Continuando, *"Não faltou quem, já calculando o preço da presa, deduziu quantos pesos fortes iria lhe tocar por sua parte: este era um filho da Grã-Bretanha"* (p.48). Tomando posse da embarcação, considerava-se sua carga e a tripulação presas de guerra. A motivação maior desses marinheiros estava nas expectativas de obter riquezas a partir do butim dos apresamentos dos navios mercantes brasileiros.

E o que motivava realmente esses marinheiros? Era apenas a perspectiva de enriquecimento por meio de uma incerta e perigosa carreira naval? O objetivo de "ganhar a vida" corria em paralelo ao dos interesses de uma carreira naval aberta a glória e ao mérito pessoal atrelada às especificidades do recrutamento de marinheiros, que não obedecia às regras de nacionalidade dos tempos atuais, e "o navio era assim não apenas o meio de comunicação entre continentes, mas também o primeiro lugar onde as pessoas trabalhadoras de diferentes continentes se comunicavam" (Linebaugh; Rediker, 2008, p.164).

Uma das passagens mais interessantes no relato de Somellera é o encontro, navegando próximo a costa da Bahia, com um navio negreiro. Na abordagem do referido navio, Somellera relata sentir um odor nauseante, já pressentindo algo fora do comum: "*já no convés, dirigi-me ao Comandante que estava na popa com o seu pessoal. Pedi-lhe a documentação do navio e ele respondeu que não tinha nada, então me convenci de que a minha suspeita era verdadeira*" (p.85). Indo diretamente para a escotilha do porão do navio, localiza "*um enxame de negros e negras de todas as idades, que com medo, se agruparam uns sobre os outros, fugindo como se quisessem*

se esconder" (p.85). O horror diante da visão da escravidão faz parte dos diários de grande parte dos viajantes, principalmente àqueles que se deslocavam pelo Brasil.

As imagens estavam bem vivas na memória de Somellera: "*Não é fácil descrever toda a imundície daquele porão, parecia-me o centro de um formigueiro. As mulheres usavam apenas um vestido de tecido azul ruim, e os homens um pequeno chiripá, com o mesmo tecido, e um boné vermelho do mesmo tipo*" (p.85). A descrição de Somellera revela-nos o horror ao ver de perto um navio negreiro.

Seguindo a esteira da memória de Somellera, outro acontecimento importante recordado foi o ritual de passagem pela linha do Equador. Esse acontecimento marítimo era bastante celebrado, e um rito de passagem emblemático na vida de um marinheiro. Ritual este marcado pela mentalidade marítima da época, onde as forças da natureza são associadas a divindades, uma luta pelo destino da embarcação:

> Os velhos marinheiros contavam aos que estavam chegando pela primeira vez na linha – entre um sem número de estórias – que Netuno ia aparecer sobre as águas sentado em uma grande concha com sua coroa e tridente na mão e que seria necessário pedir permissão para poder continuar a viagem, que se nos deixássemos ouvir o canto da sereia ficaríamos encantados" (Rigola, 1865, p.92).

Na passagem da Linha do Equador, chegando nas zonas tórridas de calmaria do Equador, *"era o acontecimento que os marinheiros acostumaram a festejar e o comandante decidiu fazê-lo com uma salva de 21 tiros de canhão, o que foi praticado quando o sol chegou ao zênite"* (p.94). Tal ritual fora sempre marcante na literatura de viagens marítimas, como podemos ver no "Diário de viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823", da viajante Maria Graham a bordo do HMS Doris como instrutora de jovens aspirantes a oficiais da marinha britânica:

> É a única festa do marinheiro. Gosto deste festival; põe o coração à larga para a gente se divertir. A monotonia de ver sempre uma classe que detém a inteligência; outra que entra com os braços, a trabalhar todos os dias em direções, senão opostas, ao menos diversas, é quebrada. (GRAHAM, 2021, p.107).

Pelo registro do ritual da passagem da Linha do Equador, remetemos a aspectos cruciais sobre a cultura marítima oriunda dos trabalhadores marítimos: o ingresso dos novatos se dava pelo reconhecimento da experiência no mundo do trabalho, e não pela atribuição de uma alcunha (RODRIGUES, 2013, p.236).

A vida a bordo de um navio a vela, apesar dos perigos constantes, era vista como positiva para Somellera: *"A vida de corsário, tão cheia de ansiedade, de esperança e sensações de todos os tipos, apesar das lágrimas que via escorrer dos infelizes marinheiros a quem tomávamos o fruto de suas economias e trabalhos, era simpática"* (p.118). Àqueles que viveram a bordo fica o aprendizado de que a vida marcada pela navegação revela sobretudo reflexões acerca do que é o mais importante na vida no mar em condições humanas restritas e severas, e que as vezes causa estranhamento para aqueles vivem em terra: uma laranja, uma bebida, um par de botas, um abrigo para chuva, um papel, um lápis, o companheirismo e a solidariedade.

Ao final, o então jovem Somellera regressa da sua campanha marítima de corso já como um homem formado, e pôde contar com satisfação aos seus entes mais próximos este feito glorioso que havia realizado.

A vida a bordo em um navio a vela, bem como as incursões navais de uma guerra de corso, assim como fascinou o jovem Somellera, o leitor que tiver em mão a presente obra também, sem dúvidas, ficará fascinado. Espero que a brevíssima resenha tenha despertado a alma viajante de cada leitor. Vale a pena a leitura integral da obra, em diálogo com bibliografia que analisam mundo do trabalho e da cultura marítima, bem como a trabalhos sobre literatura de viagem, muito resumidamente elencada aqui. Boa leitura e boa viagem.

Referências bibliográficas:

LINEBAUGH, Peter. *A Hidra de Muitas Cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LOPES, Daniel Barreto. A Pedagogia da Viagem: educação de guardas-marinha no "Diário de uma viagem ao Brasil" de Maria Graham (1821-1822). *Navigator*, v.21, n.41, p.107-121, jan/jun. 2025.

RODRIGUES, Jaime. Um Mundo Novo no Atlântico: marinheiros e ritos de passagem na linha do equador, séculos XV-XX. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 33, nº 65, p. 235-276 – 2013.